

Reflexão III

“O Verbo fez-se carne” – o Emanuel (Deus connosco) - 1

Uma citação:

“Jesus de Nazaré é proclamado o próprio Filho de Deus pela primeira comunidade cristã, a partir da sua vida, morte e ressurreição. Em função de minha reflexão teológica, eu realçaria, sobretudo, dois aspetos: o realismo da encarnação e a morte de Jesus como manifestação do amor de Deus. Em Jesus, Deus não se faz somente corpo, mas carne: “O Verbo se fez carne” (João 1,14) significa que ele assumiu um corpo de carne, um corpo terrestre, “nascido de uma mulher” (Gálatas 4,4), enquanto permanece sendo Deus na sua Alteridade transcendente. A maior lição da encarnação é, ao mesmo tempo, a afirmação da infinita vulnerabilidade de Deus e da eminente dignidade do corpo humano. Não se pode dissociar encarnação e ressurreição. A “descida” na carne não tem outra finalidade senão transformá-la, transfigurá-la para lhe dar o poder de fazer explodir a vida das próprias profundezas da morte. Por outro lado, a morte de Jesus é menos o sacrifício do Filho único pela redenção do pecado dos homens do que a manifestação do amor infinito de Deus, que se faz solidário do sofrimento e da morte de todo ser humano. Neste sentido, a cruz é a Boa Nova de um Deus diferente do Deus “bem conhecido” do teísmo filosófico e teológico”.

in IHU On-Line- Claude Geffré

Centralidades

1. Como referimos na reflexão anterior, o quarto Evangelho, o mais tardio, aquele em que o redator e a comunidade para a qual escreve, veem mais longe (mas para trás), informa-nos desde quando o Jesus Homem “foi apanhado” pelo mistério de Deus. Projetado por Deus desde sempre, acontece em Jesus de Nazaré a total disponibilidade para uma entrega total ao cumprimento da Missão;
2. Está na hora de recordar que, as primeiras comunidades cristãs e os relatos da boa notícia (Evangelhos), têm conhecimento histórico do homem extraordinário, do homem “impossível” à imagem do ser humano, mas possível à imagem de Deus, desde a sua vida pública pós-batismo, por João o Batista. Naquele tempo não havia jornais, internet, etc. e a memória e tradição oral não se lembraria/teria registo do que fez, onde andou, o Jesus de Nazaré, tão humano e tão divino, entre o seu nascimento histórico, por volta do ano 6 a. C. e a apresentação para ser batizado por João, o Batista, no Jordão no ano 29/30 d. C.;
3. Já falamos sobre o quanto fica claro que, o “Humano tão humano, só podia ser Deus mesmo”. Ocorre na Ressurreição, na Páscoa (passagem), no resgate da morte para a Vida Eterna junto do *Abba* (Pai);
4. Preparemos, pois, a abertura da nossa mente, a leveza da mesma para a escuta do Espírito, no entendimento do momento e significado da Encarnação do Filho de Deus. Também para:
 - a. Pelos olhos, ouvidos e coração, percebermos a Cruz – os homens/poder religioso e político na Judeia, no início da nossa era, mataram Jesus de Nazaré;
 - b. Pelo coração e pela Fé, percebermos o Sepulcro – o Pai, o *Abba*, o Senhor da Vida, resgata o Filho muito amado da morte ultrajante e Ressuscita-O para a Vida Eterna junto de Si;
 - c. Pela Fé e pelo dom concedido pelo Espírito Santo, percebermos o Pentecostes - a promessa que não ficariam (os seus apóstolos e discípulos) e não ficaríamos nós, os cristãos, sem um paráclito, advogado, um zelador. Ele, o Ressuscitado, continuaria connosco, agora através do Seu Espírito em comunhão com o Pai.
5. É nesta real consciência que teremos de pedir ajuda para não ver só, mas também, com “olhos humanos” a revelação de Jesus Deus no mistério da Encarnação.

Refletindo sobre a Anunciação a Maria no Evangelho de Lucas (só Lucas trata este tema).

LC 1, 26-38

²⁶Ao sexto mês^[14], o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, ²⁷a uma virgem^[15] desposada com um homem chamado José^[16], da casa de David. O nome da virgem era Maria.²⁸Entrando onde ela estava^[17], disse: «Salve, cheia de graça^[18], o Senhor está contigo!». ²⁹Ela ficou perturbada com estas palavras

e pensava que espécie de saudação seria esta. ³⁰Disse-lhe o anjo: «Não tenhas medo, Maria, pois encontraste graça junto de Deus. ³¹Eis que conceberás no ventre e darás à luz um filho, e chamá-lo-ás com o nome Jesus. ³²Ele será grande^[14], será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai; ³³reinará para sempre sobre a casa de Jacob e o seu reino não terá fim». ³⁴Maria, porém, disse ao anjo: «Como será isso, uma vez que não conheço^[20] homem?». ³⁵Respondendo, o anjo disse-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá^[21]. Por isso, o que é concebido santo será chamado Filho de Deus. ³⁶E eis que Isabel, tua parente, também ela concebeu um filho na sua velhice e este é o sexto mês para ela, a quem chamavam estéril, ³⁷porque nenhuma palavra que vem de Deus é impossível^[22]». ³⁸Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor^[23], faça-se em mim segundo a tua palavra!». E o anjo partiu de junto dela.

^[14] A expressão ao sexto mês tem como referência a concepção de João. Nazaré é uma pequena povoação da Galileia, nunca referida no AT, e de onde nada se esperava (Jo 1,46).

^[15] O termo grego parthénos designa uma jovem rapariga. Na cultura judaica, outra coisa não se admitiria que não ser virgem. Maria estava já comprometida com José, mas, segundo o costume judaico, ainda não viviam em comum.

^[16] Na cultura hebraica, o noivado tinha lugar um ano antes do casamento, e durante esse período a noiva permanecia com a sua família, sem nenhum contacto mais íntimo com o noivo. Apesar disso, desde o dia em que o noivado se iniciava, os noivos eram já considerados marido e mulher.

^[17] Lit.: entrando para ela (ou seja, entrando em casa dela, ao seu encontro).

^[18] Lit.: agraciada; mais do que uma saudação, salve sugere a alegria messiânica (Sf 3,14; Zc 9,9) e compagina-se com a temática da alegria tão importante e característica de Lc. Esta expressão salve (a mesma em Mt 26,49; 27,29; Jo 19,3; Mc 15,18) é uma saudação romana comum e traduz literalmente o imperativo khaîre (alegra-te), cuja raiz partilha a referida etimologia da alegria. O passivo teológico cheio de graça (Sir 18,17; Ef 1,6) evoca a ação de Deus em Maria, e a expressão o Senhor está contigo é frequente nos relatos de vocação (cf. Ex 3,12; Jz 6,12; Jr 1,8.19; 15,20).

^[19] Altíssimo é um dos nomes usados pelo helenismo e pelo AT para designar Deus. Também Lc o usa com alguma frequência (Lc 1,35.76; At 7,48; 16,17).

^[20] Conhecer tem, neste contexto e como acontece noutras passagens da Escritura (Gn 4,1.17.25; 19,8; 24,16; etc.), o sentido de ter relações conjugais íntimas.

^[21] A expressão envolverá (lit.: estenderá a sombra) evoca a proteção de Deus (Ex 40,35; Nm 9,18.22; 10,34).

^[22] Ou seja, nada/nenhuma coisa/nenhuma palavra (rhêma) é impossível para Deus. Cf. 18,27; Gn 18,14.

^[23] A expressão serva do Senhor é lida habitualmente na perspetiva da fé e da humildade (v. 48; 1Sm 25,41), mas também pode evocar a relação sponsal entre Maria e Deus (v. 45, cf. Rt 3,9).

Certamente que já estamos preparados para perceber, que o escrito bíblico acima referido e conhecido como relato da Anunciação a Maria do projeto de Deus para a Encarnação do Seu Filho, tão humano quanto divino, é uma construção de Lucas, não um relato histórico de um encontro entre um Anjo e Maria. Se o fosse:

- a) Como entender que só Lucas o trata. Seria tão, tão importante, este acontecimento que todos na Judeia e na Galileia falariam do tema. Não escaparia a nenhum dos outros evangelistas;
- b) A forma como está construída esta narrativa, choca com o que encontramos em Lucas e, especialmente, em Mateus sobre José. Será que Maria não contou nada a José?
- c) Não consta que Lucas tenha falado com Maria para que ela lhe contasse o que se passou;
- d) Sabemos, por outras passagens, que Maria não contou a ninguém este como outros momentos da sua vida. Especialmente o momento do seu “Faça-se..”. Guardava tudo no seu coração.

Aqui chegados, procuremos onde Lucas se inspirou – pois Lucas não sabia o que se passou - para construir este trecho. Inspirou-se num estilo literário conhecido por “relatos de anunciações” de Deus ao Seu Povo eleito. Os escritores inspirados sempre se serviram de 5 momentos, também aqui presentes:

1. Um mensageiro celeste – um anjo;
2. A pessoa a quem é dirigida a mensagem assusta-se, pois ouve, mas não vê ninguém;
3. Um anúncio/mensagem
4. Uma exclamação: como é possível?
5. Um sinal confirmativo.

Tudo isto se passa no texto de Lucas. As referências ao AT, em anunciações anteriores, estão nas notas que a Bíblia nos apresenta (ver acima) para este trecho:

Alegra-te Maria – Livro de Sofonias;

O Senhor está contigo- Livro dos Juízes;

Ela ficou perturbada ao escutar estas palavras – Maria ouviu ou sentiu no coração.

Nunca se diz que viu e isso reforça o sinal da grande Fé de Maria;

*Não temas Maria – Livro de Daniel;
Para Deus nada é impossível – Episódio com Abraão;
Conceberás ... Abraão episódio relatado sobre a escrava Agar, mãe de Ismael;
“....³⁵Por isso, o que é concebido santo será chamado Filho de Deus.” Lc 1, 35*

Lucas usa todo este estilo literário para nos conseguir dizer que Deus “inventou” esta Encarnação desde sempre. Um novo Adão para um novo Paraíso. Maria abriu o coração a Deus que sempre fala ao coração e não aos ouvidos. Maria foi GRANDE pois disse: Faça-se.... Eis a serva do Senhor.... Faça-se segundo a Palavra do Senhor.

Maria foi grande, muito grande, enorme. Na singeleza da sua vida e corpo, percebeu no seu coração a vontade de Deus para n’Ela fazer acontecer a Encarnação do Emanuel – o Deus connosco. A virgindade do seu coração, do seu “faça-se”, supera toda a pequenez de entendimento na discussão sobre a virgindade biológica que inflama discussões estéreis. Graças à sua plena disponibilidade, ainda maior por aceitar o que não entendia, permitiu que o Verbo encarnasse e habitasse entre nós. Desde há 2000 anos sabemos o significado deste “*fiat*” (*A palavra FIAT é originária do latim, e significa “Faça-se”*).

Deus encontrou quem aceitasse conceber o Seu Filho Amado, tão humano, tão humano que só poderia ser Deus. E por isso, o nascimento acontece. É um, melhor, o acontecimento histórico, hoje muito mais bem conhecido do que no próprio tempo de Jesus de Nazaré. Estaríamos por volta do ano 6 a. C

OBS:

Apoio ao texto a partir de reflexões de Ariel Álvarez Valdés, José Maria Castillo.

Citações: Quatro Evangelhos e Salmos – CEP – Conferência Episcopal Portuguesa.